

## A TOMADA DE LISBOA NO SÉCULO XII: UMA "OUTRA HISTÓRIA" DA HISTÓRIA

### THE CAPTURE OF LISBON IN THE TWELFTH CENTURY: "ANOTHER STORY" OF HISTORY

Aldinida Medeiros Souza<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba

**Resumo:** Consideramos que a contemporaneidade tem, nos acontecimentos do período medieval, uma de suas importantes fontes sobre fatos e reflexões acerca deles. Este artigo apresenta uma reflexão sobre o Cerco de Lisboa, tomando como objeto o romance *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago. Constatamos, pois que os autores de romances históricos buscam empregar, de forma sistemática, personagens da História na ficção literária, fazendo com que se revele mais fortemente, nesse gênero, uma focalização heterodoxa e uma desconstrução de alguns referentes, em busca de uma reconstituição da História dentro da ficção. Escrito sob o signo da ironia, a história alternativa apresentada pelo revisor Raimundo Silva, sobre o cerco de Lisboa permite-nos conhecer a importância do gênero em questão, para os estudos literários e históricos, visto que esse permite repensar o passado de diversas maneiras, interessa-nos investigar a inversão do relevo das personagens dentro do dialogismo social enfocado por Saramago, assim como a construção de uma realidade fictícia que se constrói paralelamente aos fatos históricos.

**Palavras-chave:** José Saramago; História alternativa; Cerco de Lisboa.

**Abstract:** We believe that the contemporary has events in the medieval period, one of its major sources of facts and reflections about them. This paper presents a reflection on the siege of Lisbon, taking as our object the novel *História do cerco de Lisboa*, by José Saramago. It appears therefore that the authors of historical novels seek to employ consistently, characters of history in the fiction, making it emerges more strongly in this genre, a heterodoxy focus and a deconstruction of some respect, seeking a reconstitution of history within the fiction. Written under the sign of irony, the alternate history presented by the reviewer Raimundo Silva, about the siege of Lisbon allows us to know the importance of gender in question, to the literary and historical studies, since this allows rethink the past in many ways, we are interested in investigating the inversion of the relief of the characters within the social dialogism observed by Saramago, as well as the construction of a fictional reality that is constructed parallel to the historical facts.

**Key-words:** José Saramago; Alternative History; Siege of Lisbon.

Recebido em: 30/03/2013  
Aprovado em: 04/06/2013

<sup>1</sup> E-mail: [aldinidamedeiros@gmail.com](mailto:aldinidamedeiros@gmail.com)

Faz-se necessário, de início, asseverarmos que o texto aqui desenvolvido encontra-se no âmbito das relações entre Literatura e História. Estudos estes que têm-se intensificado, com a grande eclosão de romances históricos publicados em literaturas de diversos países, a partir da segunda metade do século XX, denominados de romance histórico contemporâneo, por doferir do seu congêneres amplamente difundido durante o período da estética romântica. E também denominado, a partir da década de 70 de metaficção historiográfica, principalmente pelos teóricos que utilizam como substrato as nomenclaturas ligadas ao estudo da pós modernidade. Isto posto, buscamos evidenciar que o romance História do cerco de Lisboa, faz uma releitura do período, optando o seu autor pela vertente crítica, ao tomar como viés a ironia, uma das características própria da metaficção historiográfica.

Sobre o período histórico do qual trata o romance, encontra-se no livro de Damião Peres – *História de Portugal* (1951) – que foi a tomada de Santarém o episódio que deu elementos para que D. Afonso Henriques se dispusesse à tomada de Lisboa. E, segundo os registros historiográficos, foi graças à ajuda dos cruzados que o fundador de Portugal conseguiu este feito, pois sem tal ajuda, o cerco a Lisboa não teria sido favorável ao soberano português, mas sim aos mouros. Somemos a isto, o facto de que, quase sempre, a história é escrita sobre (e pelas mãos dos vencedores), não pelos vencidos.

Desde discursos mais recentes, e compreenda-se aqui como recente aqueles que datam do século passado ou de dois séculos atrás, a outros mais antigos, como o de Frei Nicolau de Oliveira, que se sobressaem palavras nas quais os infiéis tinham de ser vencidos em nome da fé católica. Antes de enaltecer o infante, fundador do reino de Portugal, já ao mencionar seu pai, D. Henrique, Conde de Borgonha, e falar na descendência dos borgonhas e na tomada da principal cidade do reino, o autor do *Livro das grandezas de Lisboa* assim se refere:

Grandes desejos de servir a Deus motivaram a sua vinda a Espanha. Serviu a El-Rei D. Afonso nas guerras contra os Mouros Infiéis, ajudando-o a tomar Lisboa, que depois os Mouros retomaram. [...] Portugal naquele tempo era somente aquilo que se continha entre os limites de entre Douro e Minho, as cidade de Lamego, Coimbra e Viseu, e aquela parte da Galiza a que chamamos Trás-os-Montes.

Com isto concedeu-lhe o direito de recuperar o resto da Lusitânia que os Mouros ocupavam até o reino do Algarve<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Frei Nicolau de. *Livro das grandezas de Lisboa* (contém fac-simile da edição original de 1620). Lisboa: Vega/Câmara Municipal de Lisboa, 1991. p. 493 – 494.

É muito comum este tipo de enaltecimento aos reis, notadamente em se tratando de um religioso da fé católica como autor, neste caso o Frei Nicolau, pois é, via de regra, pelo discurso ideológico da fé que os territórios europeus tomados dos árabes precisavam pertencer aos reis católicos, para se justificar qualquer batalha cujo intento era, por excelência, econômico e político. Assim registrou a História<sup>3</sup>. Registros que continuaram, ainda que se apresentem algumas diferenças, em discursos de tempos posteriores, como nesse que segue, de José Augusto Oliveira:

Se os excessos da imaginação de forma alguma podiam ser o pedestal seguro em que assentasse triunfante a glória dos nossos antepassados, não era admissível também que se deixasse, apoucado e esquecido, no silêncio escuro dos documentos coetâneos o fulgor vitorioso das armas portuguesas. D. Afonso Henriques e os seus companheiros por tantos anos de batalhas e vitórias não podiam ter sido apenas meros espectadores duma façanha que lhes andava tanto no coração. Mas a verdade é que a história não se faz sem provas e os monumentos da época referentes aos portugueses são de tal modo escassos que mal se pode vislumbrar à luz deles o quinhão que lhes coube na partilha do triunfo<sup>4</sup>

Entretanto, para interrogar e (con)testar a escrita dos vencedores, é que existe a ficção. Nesse caso, optando pelo termo utilizado por Linda Hutcheon, a metaficção historiográfica<sup>5</sup>. Assim, faltou-nos ouvir a versão dos vencidos, os mouros, sobre a batalha que, em plena Idade Média, anexou Lisboa ao Reino de Portugal. E como do medieval alimenta-se bem o contemporâneo, José Saramago não apenas discorda da versão oficial portuguesa, como criou a sua própria versão. Uma “outra história” da História do cerco de Lisboa. É sobre esta metaficção historiográfica que trata este ensaio, buscando elucidar a importância do romance histórico contemporâneo que, no caso da literatura portuguesa, faz várias imersões no passado medieval. *História do cerco de Lisboa*, publicado em 1987, do premi-

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, explica J. A. Oliveira o “motivo” da escrita do seu livro: *Observando, porém, com vagarosa atenção as narrativas estranhas, vim a reparar que havia ali, por ventura, bastas indicações de valor precioso com os quais se poderia reconstituir mais exactamente a participação do braço português nos esforços da empresa e nos perigos da luta. Analisei então essas narrações, confrontei-as entre si e dessa análise e desse confronto nasceu o desejo de escrever este livro.* OLIVEIRA, José Augusto de. *O Cerco de Lisboa em 1147: narrativa do glorioso feito conforme os documentos coevos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1938. p. 7.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, José Augusto de. *O Cerco de Lisboa em 1147: narrativa do glorioso feito conforme os documentos coevos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1938. p. 7.

<sup>5</sup> Ampla discussão teórica envolvendo o termo **metaficção historiográfica** encontra-se em: HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ado com o Nobel, José Saramago – cuja edição aqui utilizada é de 2011 –, é uma obra que permite uma visualização de uma situação histórica dentro de um contexto literário, transformando, assim, a História em Literatura.

### **Através da metaficção historiográfica, outros discursos**

O romance histórico é um gênero cada vez mais em expansão. Este artigo traz uma leitura do romance *História do cerco de Lisboa*, publicado em 1987, do escritor português José Saramago, sob o enfoque teórico do romance histórico contemporâneo. *História do cerco de Lisboa* – cuja edição aqui utilizada é de 2011 – é uma obra que permite uma visualização de uma situação histórica dentro de um contexto literário, transformando, assim, a História em Literatura.

Pensando nas questões abordadas pelos estudos sobre romance histórico, precisamos levar em consideração que este tem, após a segunda metade do século XX, uma mudança significativa em relação ao romance histórico tradicional, inaugurado por Scott<sup>6</sup>. Nesse sentido, o atual romance histórico também denominado metaficção historiográfica<sup>7</sup>, como denomina Linda Hutcheon (1991) traz, como uma de suas principais características, a paródia.

Conforme Maria de Fátima Marinho (1999), o romance evoluiu por causa da necessidade de se acompanhar as transformações ocorridas no curso da História. Para ela, a concepção de História evoluiu, “e o romance não pode ficar alheio a essas transformações, até porque a escrita sobre a História terá de estar necessariamente condicionada pela dos historiográficos de profissão.” (1999, p. 27). Com base nesse ponto de vista, todos os textos produzidos a partir de 1963, até os dias atuais, nesse contexto, podem ser chamados romance histórico pós-moderno, segundo esta autora.

Sendo assim, seria atribuída ao romance histórico contemporâneo a função de aproximar a realidade do público leitor através da ficção literária, tornando, dessa forma, a História – antes tida como verdadeira, agora alvo de reflexões sobre a construção de um discurso oficial questionável – como um campo em que se pode observar novos olhares, resultado de novas práticas e condutas dos historiado-

---

<sup>6</sup> Tema este bastante discutido por Lucáks em *O romance histórico*, e retomado por vários estudiosos do assunto, dentre os quais Marinho (1999) e Esteves (2010).

<sup>7</sup> Embora concordemos com a nomenclatura metaficção historiográfica, utilizaremos, nesse ensaio, o termo romance histórico contemporâneo.

res e. também, dos Romancistas. Portanto, o romance histórico se apresenta com “uma função trans-temporal entre o seu tempo e os tempos passados.”<sup>8</sup>, embora seja necessário lembrar que não é tão somente o fato de remeter a um passado distante o critério definidor para que o romance seja considerado histórico:

A alteração da história canônica leva a uma reescrita do passado, reescrita que pode atingir os limites do (in)verossímil. É visível em vários romances a multiplicidade de leituras de que pode ser alvo determinado facto passado, dando azo a interpretação diversas ou até subversivas, podendo mesmo personagens inventadas influenciar o decorrer dos acontecimentos tidos como referenciáveis, ou factos verdadeiros serem transferidos de uma época para a outra (ficção ucrónica), contrariamente ao que se passa no discurso histórico propriamente dito, onde não pode haver uma alteração radical dos acontecimentos, [...]º.

Nesse sentido, inúmeros são os romances históricos que, se não trazem um discurso subversivo ao oficial, lançam mão do uso de personagens marginais, que não contam ou não constariam nos registos historiográficos.

### **O “não” que mudou a História: uma (re)leitura da tomada de Lisboa**

A fonte para esta ficção de José Saramago é, notadamente, a *Crônica de Osberno*<sup>10</sup>, um texto historiográfico com relatos sobre o cerco. As evidências estão em forma de pistas, como assim estão muitas outras no romance, quando se tem no texto a menção à “providencial fonte osbérnica”<sup>11</sup>

Em *História do cerco de Lisboa* evidenciam-se duas realidades distintas, a histórica e a ficcional, mostradas em narrativas diferentes e, ao mesmo tempo, paralelas, levando o leitor a ter contato com duas histórias, ao mesmo tempo. Saramago constrói, sob o signo da ironia, uma história alternativa, defendida pelo revisor Raimundo: a de que os cruzados não teriam ido ajudar a D. Afonso Henriques na reconstrução de Lisboa. Ao acrescentar no texto de um historiador, que estava sob

---

<sup>8</sup> MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campos das Letras, 1990. p. 13.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 251.

<sup>10</sup> A figura de Osberno está também presente no título do romance de Agustina Bessa-Luís, sobre a importante revolução portuguesa de 1758: BESSA-LUÍS, Agustina. *Crônica do cruzado Osb*. Lisboa: Guimarães, 1976.

<sup>11</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 137.

seus cuidados na gráfica da editora, um NÃO, o revisor Raimundo Silva criar uma versão alternativa da História, que agora para ele se torna a verdadeira. É a escrita de como ELE via essa história: “Em quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polémica, um documento inédito, sequer uma releitura. Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas história do cerco, [...]”<sup>12</sup>.

Em um breve diálogo com o historiador – o autor do livro de história que ele revisava – Raimundo Silva expõe seu apreço pela literatura, bem como a sua “impaciência” diante da perspectiva do historiador em colocar História e Literatura em campos opostos, algo de que discorda o protagonista:

Mais do que uma simples discordância, Raimundo Silva aponta uma questão que poderia ser polémica: o que seria pertencente ao campo da Literatura e o que seria pertencente ao campo da História? Poderia, dizemos, porque acreditamos que o romance histórico, sobremaneira a sua versão contemporânea, resolve bem essa questão, visto que é a confluência de ambas. É Literatura, mas é, também, História. Daí que a personagem Raimundo Silva faz uma espécie de meta-revisão da História, porque questiona o trabalho do historiador, que na diegese é autor do livro a ser revisado.

No enredo criado por Saramago, o revisor, há muitos anos no ofício, percebe que não há, por parte do historiador, um interesse em acrescentar informações novas e relevantes aos acontecimentos, apenas repetir fatos já contados tantas vezes, para que mais adiante, outros possam fazer o mesmo. Opinião esta a qual Raimundo, em conversa com o historiador, objeta:

[...] Recordo-lhes que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lho eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propositor meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto ao for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender, E a pintura, e a música, A música anda a resistir desde que nasceu, ora vai, ora vem, quer livra-se da palavra, suponho que por inveja, mas regressa sempre a obediência, E a pintura, Ora, a pintura não é mais do que literatura feita com pincéis, [...] O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era, [...].<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 33.

<sup>13</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 10-11.

Com isso, constata-se que há uma crítica subliminar ao ofício do historiador. Note-se, que tudo acontece a partir do olhar de alguém que revisa o texto, que rever, que vê o que já foi dito analisando. É o ápice de uma situação em que a Literatura tem a personagem de um enredo romanesco a questionar a História. É por isso que Raimundo (RE)VER o texto. É isso que o permite vê-lo com outros olhos. Para a personagem, muito do que lia não estava de acordo com a 'lógica' dos acontecimentos históricos. Um exemplo dessa falta de lógica questionada por Raimundo Silva é o discurso que o Rei D. Afonso Henriques fez aos cruzados. Para ele, "[...] o discurso é todo ele, [...], uma absurdidade, não que se permita duvidar do rigor da tradução, [...] mas porque não se pode, [...] acreditar que da boca deste rei Afonso, [...] tenha saído a complicada fala, [...]"<sup>14</sup>. Segundo o revisor: "é assim que se arranjam os equívocos históricos, Fulano diz que Beltrano disse que de Cicrano ouviu, e com três autoridades dessas se faz uma história, [...]"<sup>15</sup>. Não se trata de uma simples discordância do revisor. O que Raimundo Silva faz, ao longo do romance é criar uma história alternativa com tamanha clareza que seu ato desencadeia uma reflexão na qual o problema da escrita da História e das relações com a verdade e a verossimilhança acaba por se estabelecer no nível da enunciação. Ao pressupor o trabalho dos historiadores, ele precisa decidir uma das várias hipóteses possíveis e, a partir de muitas reflexões é atraído por essa outra História, que, a partir da modificação de uma simples palavra, muda não somente um simples pormenor, mas toda uma significação de símbolos da História nacional que passa, na história contada por Raimundo, a assumir consequências inimagináveis.

Nos fragmentos supracitados (notas de referência de 13 a 15), percebemos a meta abordagem da História, por parte do personagem, que questiona, indiretamente, o rigor e a veracidade do discurso histórico. Essa é uma postura não apenas de José Saramago, mas muito comum de se encontrar em outros romances históricos. É essa liberdade em relação à História que o texto ficcional permite. Conforme assegura Antônio Esteves, a literatura "[...] trabalha o reino da ambiguidade. Suas verdades são sempre subjetivas: verdades pela metade, verdades relativas que nem sempre estão de acordo com a história."<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 37.

<sup>15</sup> Ibid., p. 38.

<sup>16</sup> ESTEVES, Antônio R. O romance histórico: origem e percurso. In: \_\_\_\_\_. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 20.

Assim, Raimundo, conhecedor das suas responsabilidades, sabe que não pode interferir no que foi escrito pelo autor do livro de História, seu trabalho limita-se à correção gramatical e aos erros de concordância. Porém, embora saiba disso, o protagonista dá-se a liberdade de colocar um NÃO no lugar em que o historiador havia escrito SIM:

[...] Está como fascinado, lê e relê, torna a ler a mesma linha, esta que de cada vez redondamente afirma que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa. [...], percebe-se pela maneira como Raimundo Silva está a sorrir neste momento, com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, [...] é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdade, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como<sup>17</sup>.

É, portanto, no terreno da ficção em que a façanha do revisor se torna possível. “Nesse sentido, a recomposição do passado que a literatura faz é quase sempre falsa, se a julgarmos em termos de objetividade histórica..<sup>18</sup> José Saramago sabe disso e em sua lucidez tamanha, ele não elabora a História do cerco de Lisboa a partir da visão de um escritor. Ele cria como protagonista um revisor, que acaba escrevendo “outra” história no fabuloso terreno da ficção.

O erro voluntário do revisor tira-lhe o sono por treze dias. Nesse período de tempo, Raimundo Silva buscou se esconder de tudo e de todos, temendo que o seu erro fosse descoberto e perdesse o emprego. Passa horas fora de casa caminhando pelas ruas a fim de não ser encontrado caso alguém o procure. Correm os dias, até o momento em que personagem principal tomou conhecimento que sua fraude havia sido descoberta. “TREZE LONGOS E ARRASTADOS DIAS foi quantos levou a editora ou alguém por ela a descobrir a malfeitoria, e essa eternidade viveu-a Raimundo Silva como se estivesse no corpo um veneno de acção lenta”<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 41-42.

<sup>18</sup> ESTEVES, Antônio R. O romance histórico: origem e percurso. In: \_\_\_\_\_. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 20.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 68.

Chamado à repartição para esclarecer o suposto mal entendido, Raimundo Silva não conseguiu se explicar. Porém não perdeu o emprego, foi advertido e comunicado que o livro seria lançado com uma errata na qual seria corrigido o erro, e que a partir daquele momento os trabalhos dos revisores seriam supervisionados, surgindo no romance uma nova personagem, Maria Sara. Encarregada de dirigir todos os trabalhos dos revisores da editora, a partir daquele momento, a chefe marca um encontro para discutir questões do trabalho. No dia marcado, após uma longa conversa, Raimundo surpreendeu-se ainda mais ao ouvir a sugestão de Maria Sara, “A de escrever uma nova história do cerco de Lisboa em que os cruzados, precisamente, não tenham ajudado os portugueses, tomando portanto à letra o seu desvio [...]”<sup>20</sup>.

Não atinara ainda muito bem pelo que havia feito, o revisor. Não percebera, até encontrar o olhar atento de Maria Sara ao reconhecer a grandeza do ato que lhe surgiu pelo simples fato de questionar, de não querer apenas repetir a velha história. Ao utilizar o *deleatur*, Raimundo Silva “reverbera a energia, ainda vívida, de uma individualidade até então massacrada por um mundo devorador e nivelador de consciências. A transgressão torna-o herói de si mesmo pela coragem experimentada [...]”<sup>21</sup>. É pelo seu simples ato de questionar o passado que começa a sua jornada heróica.

Supreso com a proposta, ele não conseguia de imediato compreender se havia ali alguma intenção. Relutou, mas acabou por aceitar, pois, ainda que inconscientemente, aquele também era um desejo seu. Durante dias, o agora escritor, Raimundo Silva, procura argumentos que pudessem “justificar e/ou comprovar” a sua versão dos fatos. E, como o discurso do rei foi o que mais o incomodou, na versão original do historiador, é por este ponto que ele decide começar.

### **Sob o signo da ironia: a metaficção questiona a História**

Assim, quanto mais o leitor adentra o enredo do romance saramagueano, mais este vai se imbrincando com o passado histórico, agora escrito pelo revisor Raimundo Silva. Isto no remete ao que afirma Linda Hutcheon (1991), que “a his-

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 97.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Mara Lúcia Wiltshire. *Costuras, soldagens, remendos*, o projeto pós-modernista na *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 229.

tória e a ficção sempre foram conhecida como gênero permeáveis. [...]”<sup>22</sup>. Entretanto, não sabemos até que ponto cada historiador toma para si esta “permeabilidade”, visto que cada um reforça aquilo em que acredita. Pelo menos assim pensamos. E disso nos dá mostra Raimundo Silva, ao questionar aquela história do cerco de Lisboa, a qual revisa.

Nas sendas dos questionamentos levantados pela personagem Raimundo Silva, lembremos que o discurso oficial sempre aponta o feito de D. Afonso Henriques, a tomada de Lisboa, como sendo aquilo que simboliza o discurso da verdade, do que é correto para o reino, um feito heroico que sempre ficou lembrado e registrado como sendo o mais correto que havia a se fazer, naquela altura.

Observando como se cristalizou a tomada de Lisboa enquanto um feito heróico de D. Afonso Henriques e seus soldados, e de tanto se pregar a ação louvável do rei português, fica mesmo parecendo que Lisboa já pertencia a Portugal, quando na verdade eram, anteriormente, terras dos árabes, tal como se encontra em diversos livros de História, conforme apontamos um fragmento de Damião Peres (1951)<sup>23</sup>:

Passavam-se em 1146 estes últimos sucessos; a intriga política entre os mulçumanos, acompanhando a guerra civil que os dilacerava, atingia grandes proporções. O momento não podia ser mais adequado aos propósitos de Afonso Henriques. De novo as duas grandes praças do Tejo inferior – Santarém, poderosa guardiã duma fertilíssima região, e Lisboa, a cavaleiro dum amplo estuário, o melhor porto do ocidente pensinsular – iam ser ardorosamente disputadas. (p. 48).

Pelo anterior exposto, vê-se, então, que Lisboa, assim como Santarém, não era território português. Foi conquistado a sangue, assim como eram todas as conquistas da Idade Média. Não há que se dizer quem são os mocinhos nem os bandidos. Tomar Portugal como herói dessa conquista é coisa que coube aos historiadores portugueses.

Daí que sejam tão importante a versão irônica e subversiva que José Saramago faz da relatividade das verdades históricas:

---

<sup>22</sup> HUCTHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. p. 145.

<sup>23</sup> PERES, Damião (Org.). *História de Portugal: segunda época (1128 a 1411)*. Barcelos: Portucalense, 1951. (Vol. 2). p. 48.

Poucas são as obras onde a história alternativa surge com tamanha clareza e onde o problema da escrita da História e das relações com a verdade e a verosimilhança se põem ao nível da própria enunciação. Prefigurando o trabalho dos historiados que, por vezes, têm de decidir uma das várias hipóteses possíveis, Raimundo é atraído por essa *outra* História, que, modificando apenas um pormenor, assume consequências inimagináveis.

<sup>24</sup>.

Se contada pelos mouros, a versão da História seria (foi?) outra. Na ficção, a versão de Silva conta que após o discurso do rei e o pedido de ajuda aos cruzados estes impuseram condições, queriam ter mais direitos sobre os saques, igual prometia o rei aos demais estrangeiros que ali lotariam. Ocorreu uma vasta tentativa de negociação entre as duas partes, porém o rei sentindo-se contrariado não cedeu e os cruzados decidiram por não ajudar aos portugueses, e Raimundo Silva descreve a cena da seguinte forma: “O rei ouviu em silêncio, e em silêncio ficou, com as mãos aferradas no punho da espada, posta a direito e firme no chão a ponta, como se do mesmo chão já tivesse tomado definitivamente posse. [...]” <sup>25</sup>.

Depois de ouvir as justificativas dos cruzados que não passavam de indultos, diante da prepotência da majestade em se dizer ajudado por Deus em suas batalhas, o rei profere as suas palavras finais:

Perguntou então [...], É essa a decisão dos cruzados, Está é, respondeu o outro, Então, ide, e que Deus vos acompanhe até à Terra Santa, onde já não podereis invocar nenhum pretexto para fugirdes à batalha como estais fugindo a esta [...] <sup>26</sup>.

Mais que questionar o papel dos cruzados, o romance, de certo modo, ironiza as necessidades bélicas daquela batalha, trazendo a ironia como linha mestra, naquilo que está em boa parte no sentido de parodiar a História, de poder olhá-la com anacronismo, conforme nos afirma o próprio autor: “O que tento fazer é inventar uma história e colocá-la no lugar da História [...] Pratico o anacronismo e a ignorância de facto da História, que me permite usar atrevidas liberdades” <sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campos das Letras, 1990. p. 272.

<sup>25</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 136.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 136-137.

<sup>27</sup> SARAMAGO apud SOARES, Maria de Lourdes. O romance de José Saramago: um novo paradigma do romance histórico?. In.: BOECHAT, M. C. B.; OLIVEIRA, P. M.; OLIVEIRA, S. M.

É, pois, uma grande mudança da história oficial a que José Saramago constrói. Uma versão da História vista por outro ângulo e modificada pelo revisor. Conforme aponta Antonio Esteves (2010) sobre o romance histórico contemporâneo: “Ao mesmo tempo em que se aproxima do acontecimento real, esse romance se afasta deliberadamente da historiografia oficial, cujos mitos fundacionais estão degradados.”<sup>28</sup>. A par disso, devemos sempre lembrar que o romance histórico é apenas um romance e deve se aceitar como tal, pois, ainda que ele consiga trazer o passado à luz do presente, não se trata de um documento. Como romance, é um espaço no qual deve prevalecer a lógica da ficção, conquanto que apresente sentido histórico.

A metaficção historiográfica, além de se utilizar da paródia para recuperar o passado ‘esquecido’, também o questiona, a fim de desmistificar o conceito de História que se propagou ao longo da evolução da humanidade, conceito esse que a considera única e verdadeira. Daí a ridicularização por meio da paródia ou da sátira de qualquer tentativa de consolidação de uma origem única ou de simples causalidade da História.

Essa ironia refinada na escrita de uma história alternativa é, no romance saramagueano, o genial ato de paródia do escritor. E no entrecruzamento da Literatura com a História, essa paródia se faz duplamente em forma de reescrita, porque tem-se diegese e metadiegeese, ambas de ironia subliminar, típica do refinamento da escritura de José Saramago. Linda Hutcheon aponta ainda que a paródia

[...] pode assumir dimensões mais precisamente ideológicas. Todavia, nesse caso, também não há a intervenção direta do mundo: é a escrita atuando por meio de outras escritas, outras textualizações da experiência [...]<sup>29</sup>.

Diante disso, observamos que a escrita de Saramago, conteúdo de sua ideologia, traz para o universo romanesco a escrita alternativa de Raimundo Silva. Nas palavras da personagem: “quando escrevi não os cruzados foram-se embora,

---

P.(Orgs.). *Romance histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 203-215. p. 209.

<sup>28</sup> ESTEVES, Antônio R. O romance histórico: origem e percurso. In: \_\_\_\_\_. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 30-43. p. 37.

<sup>29</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. p. 169.

por isso não me adianta nada procurar resposta ao porquê da história a que chamam verdadeira, tenho de inventá-la eu próprio, outra para poder ser falsa, e falsa para poder ser outra”<sup>30</sup>.

É, pois, a partir dessa perspectiva, que o romance histórico contemporâneo passa da simples reflexão à crítica, tanto na sua relação irônica com o passado, quanto com o presente. Nesse aspecto da relação irônica, principalmente, é que compreendemos a História do cerco de Lisboa como uma paródia, com base nos apontamentos de Linda Hutcheon, considerando que “na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo. E, mais uma vez, esse é o paradoxo pós-moderno.”<sup>31</sup>.

A condição das personagens também tem o seu diferencial, são pessoas comuns sem nenhuma significação no meio social, mas capazes de atos que os colocam em destaque dentro da narrativa, como ocorre com o revisor Raimundo Silva, um simples “homem ordenado, um revisor no absoluto sentido da palavra, se é que alguma palavra pode existir e continuar a existir levando com siga um sentido absoluto, para sempre, um vez que o absoluto não pede menos.[...]”<sup>32</sup>. E contrariando todos os princípios de uma função altera voluntariamente uma frase de um manuscrito usando apenas uma palavra, o Não posto onde havia um Sim, e muda todo o sentido da História, pois com esta palavra ele declarou que os cruzas NÃO ajudaram os portugueses na tomada de Lisboa na luta contra os Mouros no ano de 1147. Talvez, por isso possamos apontar como justificativa para tais escolhas esta ala do narrador: “[...] Um nome é nada, a prova podemos encontrá-la em Alá que, apesar dos noventa e nove que tem, não conseguiu ser mais que Deus”<sup>33</sup>.

É interessante observar que o autor consegue fazer uso dessas características literárias duas vezes dentro de um mesmo romance no caso da *História do cerco de Lisboa*. Uma vez quando constrói a história do personagem Raimundo Silva, e uma segunda vez quando através do próprio personagem ao colocá-lo como autor da nova história do cerco de Lisboa, permitindo que ele crie uma protagonista a sua imagem. Mogueime é apenas um soldado, porém torna-se, em alguns momen-

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 129.

<sup>31</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 165.

<sup>32</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 32.

<sup>33</sup> Ibid., p. 255.

tos, narrador do romance de Silva, além de ser o seu personagem principal. É nesse aspecto do romance histórico contemporâneo que Fátima Marinho aponta:

[...] a multiplicidade de focalização externa e onisciente contribuem em uníssono para valorizar, no romance histórico pós-moderno, uma perspectiva diferente da oficial. É que, frequentemente, os narradores são os proscritos, os marginais ou as mulheres, que imprimem ao discurso um tom diferente do que consta dos tradicionais livros de História. [...].<sup>34</sup>

Diante do apresentado podemos concluir que Saramago constrói, em a história do cerco de Lisboa, explorando ao mesmo tempo o espaço literário e histórico, uma narrativa dinâmica, e até certo ponto cômica, e isso se deve, em parte, ao foco narrativo predominantemente onisciente, mas que em alguns momentos se apresenta em primeira pessoa, tornado-se homodiegético, principalmente quando profere comentários que parecem dialogar com os leitores, comportando-se como uma espécie de orientador desses.

A postura do narrador se apresenta como uma espécie de recado. Com ela fica subtendido que o narrador procura fazer com que o leitor entenda que uma verdade só sobrevive até que outra verdade surja, pois pode ocorrer que fatos tidos como verídicos, repassados ao longo dos séculos seja um dia contra e essa contrariedade pode torna-se verdade se se perpetuar como passagem do tempo. Pois, as fontes “[...] que se proclamaram única, eterna e insubstituíveis verdades, suspeitas, estas, acima de todas as outras.”<sup>35</sup>. De acordo com o narrador, dentre outras coisas, “o mal das fontes, ainda que verazes de intenção, está na imprecisão dos dados, [...]”<sup>36</sup>.

Por isso, talvez, Raimundo Silva questione as fontes, questione o historiador, autor do livro e reescreva a História, construindo a sua própria versão dela, pois ao escrever o NÃO, os cruzados foram embora, o que ele mesmo justifica: “[...] não me adianta nada procurar resposta ao Porquê na história a que chamam verdadeira, tenho de inventá-la eu próprio, outra para poder ser falsa, e falsa para poder ser outra.”<sup>37</sup> Dessa releitura e reescrita de Raimundo Silva, ao desconstruir o referente histórico, apresenta-se-nos uma desmistificação da História e dos heróis

---

<sup>34</sup> MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campos das Letras, 1990. p. 43.

<sup>35</sup> SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 109.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 109.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 251.

nacionais. É um personagem que subverte a ordem no romance histórico de Saramago, fazendo com que a narrativa se torne uma comprovação da relativização da verdade histórica.

